

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO DE MESQUITA NETO
DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1891-1927)

JULIO DE MESQUITA FILHO (1927-1969)

FRANCISCO MESQUITA (1927-1969)

DOMINGO, 10 DE MAIO DE 1987

A arara azul

GERALDO FORBES

Se não há bem que sempre dure, também não há mal que não se acabe. A triste verdade, entretanto, é que ultimamente tem havido uma diabólica insistência só na segunda parte do provérbio. As coisas vão de mal a pior; não há sinal de arribação e o desânimo toma conta da alma nacional.

Nesta semana tumultuada, até o colunista chegou a desanimar. Há tempos berrando contra esse semi-presidente e seu governinho, quando finalmente parecia que se formava um consenso para a sua pronta remoção do cargo, vem a reação de políticos insensíveis à situação e à grita geral, tentando ainda um acordo de cúpulas, à nossa revolta, para manter o poetastro. Deprime.

Na segunda-feira, saiu o jornal do cidadão Kane em defesa do cidadão Sarney e de seu desmandato. Na terça, o dr. Ulysses voltou a falar em 5 anos e, em seguida, o ex-senhor diretas arreglou-se com o Aureliano, para tentar impedir o que todo o País reclama — o governo eficiente de um presidente legítimo e capaz.

Auto proclamados tutores de um país, por culpa deles, em vias de subdesenvolvimento, os srs. Roberto Marinho, Ulysses Guimarães, Aureliano Chaves, Ivan Mendes e Leônidas Gonçalves, absolutamente indiferentes à vontade popular, defendem a permanência de seu fantoche, o Zé Minhoca, contra a evidência dos fatos. Como não lhes falta poder, a solução ficou mais difícil e o agravamento da crise política, mais fácil.

Em momentos como este, tudo

parece escuro e a depressão ameaça nos invadir e dominar. Eis, se não quando, vem um raiozinho de luz para, num passe de mágica devolver a inspiração e a coragem.

Pois foi uma cartinha, enviada por uma escolar de Osasco, que as trouxe de volta. A mensagem da menina, junto com um poster colorido, diz apenas o seguinte: "A arara azul encontra-se em extinção. A natureza está pronta a nos ajudar, desde que façamos a nossa parte". Tão simples e tão verdadeiro.

O Brasil não está em extinção, mas está em decadência, o que é quase a mesma coisa. Muitos fatores e, sobretudo, a má qualidade de nossas elites, as políticas e as outras, contribuem egoísta e perversamente para isto. Mas, por pior que seja a situação, é muito claro também que este país, na sua natureza, tão rico, tão jovem, tão belo e tão dinâmico, resiste e nos garante uma completa reviravolta, se fizermos a nossa parte.

Da mesma forma que as cartas da Leda e de seus colegas chamaram a atenção, é bom saber que as aflições da cidadania têm também encontrado eco em alguns políticos, mais afinados com os nossos verdadeiros interesses.

O dr. Ulysses pode estar surdo e os governadores cegos, mas debaixo da cúpula oligárquica do PMDB muita gente reage. A bancada gaúcha é um exemplo. Afonso Camargo outro e já não são poucos, no partido, os que querem enterrar esta maléfica transição. As figuras mais notáveis, do movimento que se arma, são dois senadores de São Paulo e parece que, agora, o sr. Richa sem-

lindo o vento abandona também sua vergonhosa defesa dos seis anos.

Mas os mais confiáveis são os srs. Fernando Henrique e Mário Covas. O primeiro, talvez o nosso melhor quadro político, infelizmente não tem conseguido transformar em pólo de aglutinação e efetiva liderança as suas qualidades intelectuais. Alguma coisa em sua personalidade aliena os companheiros e falta-lhe carisma para conduzir as massas.

Já o senador Covas, embora não tão aparelhado, tem, em compensação, incomparavelmente maior empatia com os outros políticos e com o eleitorado. Sua rápida ascensão não se deve só à terrível escassez de personalidades preparadas e modernas na cena, mas sim ao fato de exercer uma genuína liderança entre seus pares.

Até há pouco, o sr. Covas não sonhava com nada mais do que uma posição de destaque na Constituinte e, depois, o governo de São Paulo. Em sua visão, a presidência, finda a tragédia Sarney, estava mais para o sr. Richa. Acontece que o ex-governador do Paraná andou manchando-se com certo fisiologismo na indefensável questão dos seis anos e também perdeu pontos ao recuar do confronto com o dr. Ulysses. Além disso, entre os dois, é patente a maior base do paulista — quer política, quer eleitoral — para não se mencionar uma possível vantagem em termos de formação.

Bem, o fato é que a marcha da história está chamando a geração de Richa, Fernando Henrique e Mário Covas a encontrar o seu destino.

Este último, na hora atual, parece ser o mais capacitado para conduzir o processo, e sua decisão não pode mais tardar.

Sabe-se que o senador Covas não está sendo insincero, nem pretensamente modesto, quando afirma que queria apenas o que queria. É preciso, entretanto, que saiba reconhecer, por surpreendente e rápida que seja, sua convocação para se candidatar à Presidência da República.

Ele não pode fazer e não fará o gênero da debutante relutante. Ao se assumir será hostilizado por muitos lados; se não se assumir será consumido — eis o nó da questão. Que, como se sabe, não pode ser desatado. Tem de ser decididamente cortado.

O País está em maior perigo do que a arara azul. Seus amigos, os patriotas, hão de reagir apesar (e por causa) das ferrovias da alegria, do dr. Ulysses, do dr. Aureliano, do cidadão Sarney, das negociatas, do pardo Kane e seus generais.

Como escreveu Gramsci em um dos Cadernos da Prisão: "O velho está morrendo e o novo não consegue nascer; no interregno surge uma grande diversidade de sintomas mórbidos".

Temos de salvar a arara azul e o Brasil. Em ambos os casos é questão de vida ou morte. E no caso do Brasil, é preciso ajudar a nascer o novo e a enterrar o passado, purgando as lideranças obsoletas, em eleições gerais e diretas.

O sr. Covas deve ter em mente a receita da garotinha: a natureza está pronta a ajudá-lo. Desde que ele faça a sua parte.